

AIDS em idosos: o cenário epidemiológico das regiões brasileiras entre 2010-2020

AIDS in the elderly: the epidemiological scenario of brazilian regions between 2010-2020

SIDA en los ancianos: el escenario epidemiológico en las regiones brasileñas entre 2010-2020

Recebido: 21/08/2022 | Revisado: 04/09/2022 | Aceito: 08/09/2022 | Publicado: 16/09/2022

Isabelle Catarine Reis Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1726-0349>

Universidade Potiguar, Brasil

E-mail: isabelle.catarine.reis@gmail.com

Beatriz Cunha Lisboa de Medeiros Nunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4509-4835>

Universidade Potiguar, Brasil

E-mail: beatrizclisboa@hotmail.com

Eva Luzia de Almeida Alencar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3348-0517>

Universidade Potiguar, Brasil

E-mail: evaalmeida@unp.edu.br

Maria Beatriz Leandro Bezerra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2866-8531>

Universidade Potiguar, Brasil

E-mail: mariabeatrizlb@hotmail.com

Maria Jacqueline Nogueira de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9293-3868>

Universidade Potiguar, Brasil

E-mail: maria.jacquelinens@gmail.com

Maria Luisa Cabral Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2760-4061>

Universidade Potiguar, Brasil

E-mail: luisacabralcarvalho@gmail.com

Ana Larissa Fernandes de Holanda Soares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3740-7862>

Universidade de São Paulo, Brasil

E-mail: ana.larissa@unp.br

Resumo

Objetivo: analisar a incidência epidemiológica da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Sida/AIDS) em idosos, no período de 2010 a 2020, nas regiões do Brasil. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo e quantitativo desenvolvido a partir do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Analisou-se idosos com 60 anos de idade ou mais com tal patologia nesse intervalo de tempo, verificando as seguintes variáveis: ano de diagnóstico e notificação, sexo biológico, etnia, faixa etária, escolaridade e categoria de exposição. **Resultados:** Observou-se, no grupo em questão, 14.405 novos casos dessa doença no país, sendo predominante na região Sudeste com 5.565 casos. O perfil epidemiológico principal foi de homens, brancos, de 60-69 anos, com escolaridade de 1ª a 4ª série incompleta e com exposição nas relações heterossexuais. Vale mencionar, com relação ao nível escolar, que cerca de 60% dos idosos analisados se enquadram em categorias educacionais desde o analfabetismo à fundamental incompleto, reforçando a necessidade de um ensino em saúde para a população que transcenda a educação formal. **Conclusão:** Observou-se um elevado número de idosos com AIDS no período analisado, especialmente em heterossexuais e com escolaridade incompleta. Isso aponta a necessidade de políticas públicas em saúde direcionadas a esse grupo com abordagens sobre saúde sexual pelos profissionais da saúde.

Palavras-chave: HIV; Idoso; Saúde reprodutiva; Epidemiologia.

Abstract

Objective: to analyze the epidemiological incidence of Acquired Immunodeficiency Syndrome (Aids/AIDS) in the elderly, from 2010 to 2020, in the regions of Brazil. **Methods:** This is a descriptive and quantitative study developed by the Department of Informatics of the Unified Health System in Brazil (DATASUS). Elderly people aged 60 years or older with this pathology in this time interval were analyzed, verifying the following variables: year of diagnosis and notification, biological sex, ethnicity, age group, education and exposure category. **Results:** In the group in question, 14,405 new cases of this disease were observed in the country, being predominant in the Southeast with 5,565 cases. The main epidemiological profile was men, white, aged 60-69 years, with incomplete 1st to 4th grade education and with exposure to heterosexual relationships. It is worth mentioning, with regard to school level, that about 60% of the analyzed elderly fall into educational categories from illiteracy to incomplete elementary school,

reinforcing the need for health education for the population that transcends formal education. Conclusion: There was a high number of elderly people with AIDS in the analyzed period, especially among heterosexuals and those with incomplete education. This points to the need for public health policies aimed at this group with approaches to sexual health by health professionals.

Keywords: HIV; Aged; Reproductive health; Epidemiology.

Resumen

Objetivo: analizar la incidencia epidemiológica del Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida (Sida/SIDA) en ancianos, de 2010 a 2020, en las regiones de Brasil. **Métodos:** Se trata de una investigación descriptiva y cuantitativa desarrollada desde el Departamento de Informática del Sistema Único de Salud de Brasil (DATASUS). Se analizaron ancianos de 60 años o más con esta patología en este intervalo de tiempo, verificando las siguientes variables: año de diagnóstico y notificación, sexo biológico, etnia, grupo de edad, escolaridad y categoría de exposición. **Resultados:** En el grupo en cuestión se observaron 14.405 nuevos casos de esta enfermedad en el país, siendo predominante la región Sudeste con 5.565 casos. El principal perfil epidemiológico fue de hombres, blancos, de 60 a 69 años, con escolaridad incompleta de 1° a 4° grado y con exposición a relaciones heterosexuales. Vale mencionar, con relación al nivel escolar, que cerca del 60% de los ancianos analizados se encuentran en categorías educativas desde analfabetismo hasta primaria incompleta, reforzando la necesidad de educación en salud para la población que trasciende la educación formal. **Conclusión:** Hubo un elevado número de ancianos con SIDA en el período analizado, especialmente entre los heterosexuales y con escolaridad incompleta. Esto apunta a la necesidad de políticas de salud pública dirigidas a este grupo con abordajes de la salud sexual por parte de los profesionales de la salud.

Palabras clave: VIH; Anciano; Salud reproductiva; Epidemiología.

1. Introdução

A população idosa é negligenciada de várias formas no Brasil, isso está relacionado com o preconceito que permeia as temáticas sobre esse público. Nesse sentido, diversos aspectos de suas vidas encontram-se à margem das discussões sobre saúde, direitos e qualidade de vida. Um exemplo de tal displicência pode ser observado no que se refere à saúde sexual, uma vez que esse tema é pouco abordado na matriz curricular dos cursos da área da saúde, bem como em consultas realizadas com esses pacientes (Vieira et al., 2016).

No entanto, sabe-se que a sexualidade é uma das necessidades básicas dos indivíduos e deve ser vivenciada em sua plenitude, estando presente em todas as fases da vida do ser humano, inclusive em idades avançadas. Porém, como as discussões sobre esse tema foram alicerçadas em censuras e inibições culturais, foram desenvolvidos mitos e preconceitos em torno da sexualidade dos idosos que geram impactos negativos até os dias atuais (Lemos, 2012).

Sob tal prisma, a síndrome da imunodeficiência adquirida (Sida/AIDS) pode resultar do tabu criado sobre a possibilidade desse grupo manter uma vida sexual ativa. Nessa perspectiva, a manutenção da sexualidade na terceira idade impacta na qualidade de vida, nas relações sociais e no reconhecimento como um ser íntegro - esses fatores se relacionam diretamente com aspectos fisiológicos e biológicos. Logo, o pensamento em questão, sobre a sexualidade dos idosos, vai contra todos os benefícios citados anteriormente (Vieira et al., 2016).

Diante do exposto, salienta-se a incidência desta doença, a qual é causada pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV), nesses idosos, pois é uma questão pouco discutida em todo o país (Médicos Sem Fronteiras [MSF], 2018; Ministério da Saúde [MS], 2016). Nesse contexto, a AIDS foi descoberta em 1981 e, atualmente, é descrita como uma doença de notificação compulsória, sendo divulgada pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). No início da epidemia, a população idosa praticamente não foi acometida, porém, com o aumento da expectativa de vida e com as mudanças de padrões sexuais, esse cenário sofreu modificações. Para os homens, passou-se a desenvolver medicamentos para o tratamento da disfunção erétil, proporcionando uma atividade sexual mais intensa, enquanto para as mulheres, apesar da frequência das relações sexuais ser reduzida com a menopausa, estudos mostraram que elas continuaram com as atividades sexuais e ainda apresentam dificuldades em negociar o uso de preservativos com seus parceiros (Godoy et al., 2008; MS, 2022).

Vale mencionar que essa doença tem o uso de camisinhas - um contraceptivo de barreira - como uma das formas de prevenção. No entanto, o uso do método em questão, muitas vezes, é negligenciado pelos idosos em função, por exemplo, dos

mitos difundidos, como a utilização apenas para prevenir a gravidez (Secretaria de Estado de Saúde do Estado do Rio de Janeiro [SES RJ], 2019). Esse fato facilita a exposição a situações de vulnerabilidade e a doenças, como a AIDS. Nota-se que a falta de campanhas de educação e prevenção da AIDS destinadas aos idosos faz com que essa população, geralmente, esteja menos informada sobre o HIV, sobretudo quando tal cenário é comparado com os jovens, e menos consciente sobre medidas de proteção. Outrossim, além da transmissão mediante as relações sexuais, existem os idosos que usam drogas injetáveis, o que também constitui uma das formas de exposição à doença em questão, sendo, muitas vezes, negligenciado o rastreamento sobre esse hábito de vida com tal população durante a consulta médica (Brustolin et al., 2014).

Ademais, a literatura científica apresenta evidências sobre idosos e acometimento por Sida, porém, em função do aumento dessa infecção, percebe-se ainda a necessidade de uma análise nacional e detalhada sobre as nuances do tema, como compreender a dinâmica de infecção por tal grupo. Nesse contexto, a necessidade de ações em saúde e estudos com essa faixa etária é demonstrada, sobretudo, quando o boletim epidemiológico de HIV/AIDS, retrata um aumento de 81% das infecções por HIV em pessoas acima de 60 anos entre o período de 2006 a 2017 (SES RJ, 2019). Assim, apesar de existirem estudos acerca da temática, ainda é pouco analisado de forma produtiva e eficaz tal realidade, pois, atualmente, os idosos continuam não sendo alvo de campanhas de promoção da saúde sexual, o que mostra ainda a necessidade de compreender a epidemiologia dessa doença em tal população (Lima, 2020).

Sob tal prisma, o presente estudo tem como objetivo analisar a incidência epidemiológica da AIDS em idosos, no período de 2010 a 2020, nas regiões do Brasil. Logo, justifica-se a realização dessa pesquisa por ampliar o conhecimento sobre a temática, bem como incentivar a redução do preconceito acerca da vida sexual dos idosos.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo com abordagem descritiva desenvolvido acerca dos casos de AIDS na população brasileira a partir dos 60 anos de idade, durante o período de 2010 a 2020. Dessa forma, os dados epidemiológicos foram pesquisados no banco de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS), o qual recebe as informações do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). O acesso a tal plataforma ocorreu no período de 19/04/2022 a 21/04/2022.

Nesse sentido, a população do estudo foram idosos brasileiros que apresentaram o quadro de AIDS, a partir dos 60 anos de idade, durante os anos de 2010 a 2020. Desse modo, tal pesquisa considerou as seguintes variáveis: ano de diagnóstico, ano de notificação, sexo biológico, etnia, faixa etária, escolaridade e categoria de exposição. Todas as variáveis em questão foram analisadas a nível regional, ou seja, observou-se a distribuição quantitativa em cada região do Brasil, possibilitando uma investigação a nível nacional.

No tocante à análise dos aspectos observados, a variável correspondente à faixa etária foi a única estratificada pelos diferentes intervalos de idade da fase idosa, analisando-se o quantitativo de casos de tal doença nos seguintes intervalos de idades: 60-69, 70-79 e 80 ou mais anos. As demais características epidemiológicas foram obtidas a partir da faixa de 60 anos ou mais, sendo selecionados de uma única vez todos esses grupos etários. Além disso, todos os dados foram coletados e, posteriormente, tabulados no *software* Excel, possibilitando o desenvolvimento de tabelas, bem como uma análise mais detalhada das informações encontradas.

No que se refere aos aspectos éticos, a submissão do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) foi dispensada por se tratar de dados de domínio público.

3. Resultados

No Brasil, a partir de 2010 a 2020, foram tanto diagnosticados como notificados 14.405 novos casos de AIDS em

idosos a partir de 60 anos nas cinco regiões, sendo o maior número de diagnósticos em 2013, com 1.508 (10,46%), enquanto o maior número de notificações ocorreu em 2017, com 1.547 (10,73%) notificações. Desse modo, a partir do recorte temporal do estudo, evidenciou-se que 967 (6,71%) pessoas apresentaram tal doença na região Norte, 1.063 (7,37%) no Centro-oeste, 2.750 (19,09%) no Nordeste, 5.565 (38,6%) no Sudeste e 4.060 (28,1%) no Sul, conforme a Tabela 1. Apesar dos casos diagnosticados e notificados de AIDS possuírem o mesmo quantitativo ao final dos 10 anos contabilizados, o número de diagnósticos e notificações não é o mesmo quando ocorre uma contagem anual separadamente.

Tabela 1 - Número de casos diagnosticados e notificados de AIDS em pessoas a partir de 60 anos nos anos de 2010 a 2020.

VARIÁVEIS	NOTIFICAÇÃO E DIAGNÓSTICO POR REGIÃO DE RESIDÊNCIA					
	ANO DE DIAGNÓSTICO	CENTRO-OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL
2010	71	173	60	539	331	1.174
2011	86	217	73	582	384	1.342
2012	115	236	70	550	419	1.390
2013	118	286	106	594	404	1.508
2014	119	278	108	539	386	1.430
2015	91	275	97	545	403	1.411
2016	90	288	100	533	382	1.393
2017	109	272	107	507	368	1.363
2018	92	312	106	501	370	1.381
2019	105	255	85	419	364	1.228
2020	67	158	55	256	249	785
TOTAL	1.063	2.750	967	5.565	4.060	14.405
ANO DE NOTIFICAÇÃO						
2010	49	133	44	371	234	831
2011	71	178	58	518	328	1.153
2012	113	215	70	476	394	1.268
2013	112	273	91	584	357	1.417
2014	112	279	105	519	425	1.440
2015	100	275	85	558	395	1.413
2016	94	292	91	566	382	1.425
2017	113	296	142	594	402	1.547
2018	112	314	118	556	407	1.507
2019	105	290	98	472	436	1.401
2020	82	205	65	351	300	1.003
TOTAL	1.063	2.750	967	5.565	4.060	14.405

Fonte: DATASUS (2022).

Ademais, no que se refere ao perfil epidemiológico da AIDS, em todas as regiões houve um predomínio do sexo masculino sobre o feminino. A etnia branca teve o maior número de casos, com 6.849 (51,07%), seguida da parda com 5.028 (37,49%), da preta com 1.402 (10,45%), da amarela com 83 (0,61%) e da indígena com 47 (0,35%), sendo a etnia com o menor número de casos de acordo com a Tabela 2.

Acrescenta-se o fato da faixa etária com mais incidência ter sido a de 60-69 anos, a qual apresenta o maior quantitativo de casos em todas as regiões com 11.632 (80,74%) ao total, seguida pelo intervalo etário de 70-79 anos com 2.399

(16,65%) casos e por último os idosos de 80 e mais com 374 (2,59%). Acerca do nível de escolaridade dos pacientes que obtiveram novo diagnóstico de AIDS, teve maior número as pessoas que possuíam 1ª a 4ª série incompleta e teve menor número a parte da população com ensino superior, o que é evidenciado pela Tabela 2.

Tabela 2 - Perfil epidemiológico dos idosos a partir de 60 anos que foram diagnosticados com AIDS nos anos de 2010 a 2020.

VARIÁVEIS	REGIÃO DE RESIDÊNCIA					TOTAL
	CENTRO-OESTE	NORDESTE	NORTE	SUDESTE	SUL	
Sexo biológico						
Feminino	425	903	305	2.193	1.705	5.531
Masculino	638	1.847	662	3.372	2.355	8.874
Raça/cor						
Amarela	10	13	3	41	16	83
Branca	330	413	124	2.810	3.172	6.849
Indígena	12	6	9	10	10	47
Parda	547	1.820	726	1.568	367	5.028
Preta	86	291	52	650	323	1.402
Faixa etária						
60-69 Anos	811	2.207	764	4.538	3.312	11.632
70-79	220	450	164	885	680	2.399
80 e mais	32	93	39	142	68	374
Escolaridade						
Analfabeto	91	406	110	285	192	1.084
1ª a 4ª série incompleta	185	428	146	756	621	2.136
4ª série completa	93	159	63	446	448	1.209
5ª a 8ª série incompleta	133	329	165	631	784	2.042
Fundamental completo	67	180	46	525	391	1.209
Médio incompleto	44	70	28	162	158	462
Médio completo	63	208	81	539	357	1.248
Superior incompleto	6	25	5	62	49	147
Superior completo	57	100	47	342	192	738

Fonte: DATASUS (2022).

Sob tal prisma, é válido compreender sobre as formas de exposição a tal vírus na população idosa. Nesse sentido, nas cinco regiões, houve predominância da exposição nas relações heterossexual com 9.948 (86,98%) casos, seguido da homossexual com 806 (7,04%), da bissexual com 505 (4,41%), dos usuários de drogas intravenosas (UDI) com 113 (0,98%), por transmissão vertical com 53 (0,46%), da transfusão sanguínea com 9 (0,07%), da hemofílica com 2 (0,01%) e do acidente com material biológico com 1 (0,008%), o que pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3 - Forma de contágio que idosos a partir de 60 anos com AIDS, diagnosticados nos anos de 2010 a 2020, foram expostos.

Região de Residência	FORMA DE EXPOSIÇÃO								Total
	Homossexual	Bissexual	Heterossexual	UDI	Hemofílico	Transfusão	Acid. Material Biológico	Transmissão Vertical	
Centro-Oeste	42	23	803	6	0	1	0	5	880
Nordeste	165	94	1.785	18	2	0	0	13	2.077
Norte	53	30	763	2	0	0	0	9	857
Sudeste	367	260	3.523	53	0	5	0	16	4.224
Sul	179	98	3.074	34	0	3	1	10	3.399
Total	806	505	9.948	113	2	9	1	53	11.437

Fonte: DATASUS (2022).

4. Discussão

Em vista dos dados apresentados, é imprescindível refletir sobre as divergências encontradas nas informações de notificação e diagnóstico, uma vez que, na maior parte do período analisado, verificam-se discrepâncias dos quantitativos num mesmo ano. Nesse sentido, é necessário salientar que a notificação de HIV deve ser realizada de modo compulsório, no entanto existe a possibilidade de as informações serem lançadas em períodos retroativos no portal, bem como deve ser levado em consideração a provável interferência conceitual sobre pessoas portadoras de HIV, ou seja, sem a sintomatologia da doença, e aquelas que apresentam a Sida, tal termo se refere a presença desse vírus no organismo e sintomas (MS, 2014; MS 2017). Tais divergências quantitativas de notificação e diagnóstico podem interferir diretamente na construção de ações em saúde para essa população.

Ademais, com os dados supracitados, percebe-se que os idosos fazem parte de um grupo que tem alta incidência de contração da enfermidade, sobretudo na faixa etária de 60-69 anos, na qual possui maior expressividade, bem como há um predomínio de tal doença em pessoas de etnia branca, do sexo masculino e em heterossexuais. Assim, analisando os dados obtidos no DATASUS, a população de risco, contrariando o que a maioria da população imagina, são homens brancos e héteros, diante disso, as campanhas em saúde precisam focar-se nesse prisma, sendo específicas e personalizadas (Casséte et al., 2016; Haas et al., 2019).

Acrescenta-se o fato de que o número de idosos infectados por tal vírus apresenta picos de aumento, como é o caso do ano de 2019-2020 com 4.026 casos diagnosticados e notificados. Tal situação corrobora o pensamento de que as campanhas, para esse grupo etário, precisam acontecer, pois os casos estão aumentando. Além disso, é visto que a campanha de combate a AIDS é muito direcionada para os jovens, exemplificando-se com a campanha de 2020, na qual é encontrado no cartaz homens e mulheres jovens, fortalecendo a ideia de que os idosos são pouco afetados e com menor risco, o que não foi evidenciado por Ministério da saúde (2021) e com os dados deste estudo. Somado a isso, há sobre os idosos a percepção errônea de que eles não possuem vida sexual ativa não só por parte da sociedade, mas também por profissionais de saúde que não abordam a temática da sexualidade em consultas, favorecendo a falta de informação para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (Alencar & Ciosak, 2016; Gott et al., 2004; Santos & Assis, 2011).

No que se refere à escolaridade, observou-se que tais pessoas com menor nível escolar, especificamente da primeira à quarta série incompleta, possuem maior incidência de HIV. Essa informação tem bastante relevância, pois confirma que o nível de ensino escolar gera impactos na saúde, o que reforça a necessidade do ensino como medida preventiva por expandir o

acesso à informação, sobretudo, por promover um envelhecimento com qualidade de vida (Mallmann et al., 2015; Nardelli et al., 2016). Nessa perspectiva, é preciso fornecer educação em saúde para esses idosos por meio de atividades, como: rodas de conversas interativas e de fácil compreensão, campanhas divulgadas nos meios de comunicação e momentos educativos durante as consultas. Assim, com tais ações é possível reduzir a infecção por HIV, bem como as outras enfermidades, já que essas pessoas, muitas vezes, não têm a oportunidade de discutir sobre infecções sexuais com a equipe de saúde durante a terceira idade (Laroque et al., 2011; Oliveira et al., 2016).

Com relação a forma de exposição, a população contaminada mediante as relações sexuais é, consideravelmente, maior quando comparado as demais formas de contágio, tendo 11.259 idosos neste grupo quando somado pessoas homossexuais, bissexuais e heterossexuais. Isso corrobora com os estudos que evidenciam os idosos como sexualmente ativos, no entanto, deixam de usar preservativo por várias circunstâncias, como a dificuldade para utilizá-lo, bem como pela crença da perda de ereção e sensibilidade (Aguiar et al., 2020). Ademais, em relação a população contaminada por meio de drogas injetáveis, tendo 113 idosos neste grupo, percebe-se a necessidade, além de campanhas combatendo o HIV focada nos idosos, de momentos educativos sobre as formas de contaminação aliada ao uso de drogas, impedindo que os números relacionados a esses indivíduos aumentem.

Outrossim, por meio do estudo no DATASUS, constatou-se que os heterossexuais são a população mais acometida pelo vírus do HIV, contrariando todas as expectativas do senso comum, no qual acreditava-se que homossexuais e bissexuais possuíam maior probabilidade de adquirir essa doença (Cock et al., 2021). Esse estigma, o qual não se comprova pelos dados, se perpetua na sociedade e causa impactos negativos, tanto na vida dos portadores de HIV como na desinformação pública. Sabe-se que, devido a esse preconceito, os homossexuais e bissexuais com HIV são mais propensos a esconder sua condição de seus parceiros e familiares, dificultando a adesão ao tratamento e as ações de políticas públicas (Haas et al., 2019).

Sob tal prisma, nota-se que ainda existem diversas limitações e preconceitos sobre sexualidade e saúde sexual, sobretudo, no que se refere à pessoa idosa, afetando a efetividade e funcionalidade dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse sentido, há necessidade de transformações na assistência em saúde fornecida pelos profissionais, realizando a prevenção e rastreamento de doenças, pois tal segmento social deve ser compreendido em todas as suas dimensões físicas, biológicas e sociais (Brito et al., 2016).

5. Conclusão

Diante do exposto, no Brasil, homens de 60 a 69 anos de idade, brancos, heterossexuais e com nível educacional entre 1º e 4º série incompleta constituem a principal incidência epidemiológica de AIDS em idosos. Nesse contexto, de modo geral, é notório que esse grupo apresenta uma elevada infecção por HIV, sendo indispensável que os profissionais de saúde incentivem o uso de preservativos, bem como a realização de intervenções em saúde sexual direcionadas também para essa população, desde a Atenção Primária à Saúde (APS). Assim, evita-se o contágio e aumenta a qualidade de vida dessas pessoas, gerando, conseqüentemente, uma melhor gestão do orçamento público por reduzir a necessidade de tratamentos com antirretrovirais, bem como um envelhecimento com maior qualidade de vida.

Vale salientar, como sugestão para pesquisas futuras, o rastreamento sobre as estratégias que são utilizadas para informar sobre saúde sexual para esse grupo etário, uma vez que precisa ser uma abordagem direcionada para essa população, o que pode ocorrer por meio da aplicação de questionários ou entrevistas, pois ainda é uma demanda na área. Ademais, tais estudos também podem realizar um rastreamento sobre o conhecimento desses indivíduos no que se refere às IST, em razão da possibilidade de outras doenças, vinculadas a tais formas de exposição, serem predominantes entre os idosos.

Referências

- Aguiar, R. B., Leal, M. C. C., Marques, A. P. D. O., Torres, K. M. S., & Tavares, M. T. D. B. (2020). Idosos vivendo com HIV—comportamento e conhecimento sobre sexualidade: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25 (1), 575-584. 10.1590/1413-81232020252.12052018
- Alencar, R. A., & Ciosak, S. I. (2016). Aids in the elderly: reasons that lead to late diagnosis. *Aids em idosos: motivos que levam ao diagnóstico tardio. Revista brasileira de enfermagem*, 69(6), 1140–1146. 10.1590/0034-7167-2016-0370
- Brito, N. M. I., da Costa Andrade, S. S., da Silva, F. M. C., Fernandes, M. R. C. C., Brito, K. K. G., & dos Santos Oliveira, S. H. (2016). Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e aids: conhecimentos e percepção de risco. *ABCS Health Sciences*, 41(3). 10.7322/abcshs.v41i3.902
- Brustolin, J. Lunardi, E. T. & Michels, M. N. (2014). Perfil de idosos com AIDS no Brasil. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, 8 (1), 38-42. profile-of-elderly-people-with-aids-in-brazil
- Cassette, J. B., Silva, L. C. D., Felício, E. E. A. A., Soares, L. A., Morais, R. A. D., Prado, T. S., & Guimarães, D. A. (2016). HIV/aids em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde. *Revista brasileira de Geriatria e gerontologia*, 19 (1), 733-744. 10.1590/1809-98232016019.150123
- Cock, K. M., Jaffe, H. W., & Curran, J. W. (2021). Reflections on 40 Years of AIDS. *Advances in Clinical Immunology, Medical Microbiology, COVID-19, and Big Data*, 27 (6), 231-245. 10.3201/eid2706.210284
- Godoy, V. S., Ferreira, M. D., Silva, E. C., Gir, E., & Canini, S. R. M. (2008). O perfil epidemiológico da aids em idosos utilizando sistemas de informações em saúde do DATASUS: realidades e desafios. *Brazilian Journal of Sexually Transmitted Diseases*, 20(1), 7-11. <https://www.bjstd.org/revista/article/view/915>
- Gott, M., Galena, E., Hinchliff, S., & Elford, H. (2004). “Opening a can of worms”: GP and practice nurse barriers to talking about sexual health in primary care. *Family practice*, 21(5), 528-536. 10.1093/fampra/cmh509
- Haas, S. M., Perazzo, J. D., Ruffner, A. H., & Lyons, M. S. (2019). Exploring current stereotypes and norms impacting sexual partner HIV-status communication. *Health Communication*, 35(11), 1376-1385. 10.1080/10410236.2019.1636340
- Laroque, M. F., Affeldt, B., Cardoso, D. H., Souza, G. L. D., Santana, M. D. G., & Lange, C. (2011). Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32 (1), 774-780. <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000400019>.
- Lemos, A. D. (2012) AIDS na terceira idade. Trabalho de Conclusão do Curso em Odontologia, Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2201/1/PDF%20-%20Afiz%20Davi%20Lemos.pdf>
- Lima, R. P. A. (2020). Sexualidade na terceira idade e HIV. *Longeviver*, 2(5), 18-42. <https://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/813/872>
- Mallmann, D. G., Galindo Neto, N. M., Sousa, J. D. C., & Vasconcelos, E. M. R. D. (2015). Educação em saúde como principal alternativa para promover a saúde do idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20 (1), 1763-1772. 10.1590/1413-81232015206.02382014
- MSF, Médicos Sem Fronteiras. (2018). Desde a sua descoberta, em 1981, o HIV/Aids matou mais de 35 milhões de pessoas. Acesso em 21 de maio de 2022 em <https://www.msf.org.br/o-que-fazemos/atividades-medicas/hivaids/?playlist=295237c&video=ddd8121>.
- MS, Ministério da Saúde. (2021). Campanha Dia Mundial de Luta contra a Aids 2021. <http://www.aids.gov.br/pt-br/campanha/campanha-dia-mundial-de-luta-contra-aids-2021>.
- MS, Ministério da Saúde. (2017). Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela atenção básica : manual para a equipe multiprofissional. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_integral_hiv_manual_multiprofissional.pdf.
- MS, Ministério da Saúde. (2016). HIV e aids. Acesso em 21 de maio de 2022 em <https://bvsmms.saude.gov.br/hiv-e-aids/>.
- MS, Ministério da Saúde (2014). Portaria nº 1.271, de 6 de junho de 2014. Diário Oficial da União. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt1271_06_06_2014.html.
- MS, Ministério da Saúde. (2022). Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Acesso em 21 de maio de 2022 em <https://datasus.saude.gov.br/>.
- Nardelli, G. G., Malaquias, B. S. S., Gaudenci, E. M., Ledic, C. S., Azevedo, N. F., Martins, V. E., & Santos, Á. D. S. (2016). Conhecimento sobre síndrome da imunodeficiência humana de idosos de uma unidade de atenção ao idoso. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37 (1). 10.1590/1983-1447.2016.esp.2016-0039
- Oliveira, E., Costa, S., Sousa, M., & Feitosa, A. (2016). Infecções sexualmente transmissíveis: prevenção na terceira idade. *Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras*, 3(2), 308-322.
- Santos, A. F. D. M., & Assis, M. D. (2011). Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14 (1), 147-157. 10.1590/S1809-98232011000100015
- SES RJ, Secretaria de Estado de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. (2019). Sexualidade na terceira idade. <https://www.saude.rj.gov.br/atividade-na-terceira-idade/noticias/2019/03/sexualidade-na-terceira-idade#:~:text=Al%C3%A9m%20do%20ato%20sexual&text=%C3%89%20plenamente%20poss%C3%ADvel%20que%20a,como%20est%C3%A1%20a%20ua%20sa%C3%BAde>.
- Vieira K. F. L., Coutinho M. D. P. D. L. & Saraiva E. R. D. A. (2016). A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicol. ciênc. prof. (Online)*, 36 (1), 196-209. 10.1590/1982-3703002392013